

ANA LETÍCIA DA SILVA SOUZA

**AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL
E O PAPEL DO EDUCADOR.**

**RIO DE JANEIRO
2004**

ANA LETÍCIA DA SILVA SOUZA

**AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL
E O PAPEL DO EDUCADOR.**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Humanas

Escola de Educação

Departamento de Didática

Disciplina: Monografia

Reitor: Professor Doutor Pietro Novelino

Decano: Professor Doutor Luiz Eduardo Marques da Silva

Diretora: Professora Doutora Maria Amélia Gomes de Souza Reis

Chefe de Departamento: Professora Doutora Carmem Sanches Sampaio

Professora: Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho

**AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL
E O PAPEL DO EDUCADOR**

ANA LETÍCIA DA SILVA SOUZA

**Monografia apresentada à Escola de
Educação da Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO para
obtenção do grau de licenciatura em
Pedagogia**

Orientadora: PROF^a DR^a RITA MARIA MANSO DE BARROS

**RIO DE JANEIRO
2004**

AGRADECIMENTOS

Com o término desta monografia e a conclusão do curso, tenho muito a agradecer a todos que estiveram comigo direta ou indiretamente durante o percurso universitário.

Em primeiro lugar, o meu agradecimento a Deus, pela força, ânimo e coragem nos momentos mais difíceis desta luta, na execução do meu trabalho como professora e na tentativa de ousar em sala de aula.

A minha mãe que muito me incentivou durante estes últimos anos em que estive na Universidade e que continua torcendo pelo meu sucesso profissional e a minha evolução como ser humano.

Ao meu pai e a minha irmã que muito cooperaram comigo durante a construção desta pesquisa.

À minha avó Margarida, as minhas tias e tios, e aos meus primos que muito me incentivaram durante o tempo em que passei na UNIRIO.

Aos meus avós dos quais sinto saudades.

Aos meus amigos universitários com quem dividi alegrias e tristezas nestes últimos quatro anos.

A todos os mestres e doutores da UNIRIO que muito contribuíram para a minha formação e em especial à minha orientadora Rita Maria Manso de Barros que muito me ajudou na execução deste trabalho.



“As crianças precisam de pão e de rosas. O pão do corpo, que mantém o indivíduo em boa saúde fisiológica. O pão do espírito, a que chamamos instrução, conhecimentos, conquistas técnicas, esse mínimo sem o qual se corre o risco de não conseguirmos a desejável saúde intelectual. E as rosas também – não por luxo, mas por necessidade vital (...) As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, mas necessitam ainda mais do teu olhar, da tua voz, do teu pensamento e tua promessa...”

(Freinet, 1985:104)

RESUMO

Este estudo surgiu a partir da minha vivência como professora de Educação Infantil e como acadêmica do curso de Pedagogia. Esta pesquisa tem por objetivo analisar como o educador lida com a sexualidade infantil no cotidiano. Seu embasamento teórico aborda a visão de autores referente a questão da sexualidade infantil, proporcionando, desta forma, uma melhor compreensão sobre os questionamentos direcionados a tais enfoques. Esta pesquisa, espera contribuir para pais e professores do segmento de Educação Infantil, no sentido de trazer novas perspectivas aos educadores no que concerne a busca de uma melhor relação com a questão da sexualidade na infância.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I - A SEXUALIDADE É SEMPRE INFANTIL	10
1.1 – O período de latência sexual na infância e suas interrupções.....	12
1.2- As manifestações da sexualidade infantil.....	14
1.3 – O objetivo sexual da sexualidade infantil.....	15
1.4 –As manifestações sexuais masturbatórias.....	16
1.5 –As pesquisas sexuais da infância.....	20
1.6 – As fases de desenvolvimento da organização sexual.....	22
1.7 –As fontes da sexualidade infantil.....	25
CAPÍTULO II – A INTERFERÊNCIA DO PROCESSO EDUCATIVO NA “DOMESTICAÇÃO” DO CORPO	27
2.1- A interferência sócio-cultural no desenvolvimento sexual infantil.....	27
2.2 –A educação como fonte de controle da pulsão sexual	32
CAPÍTULO III – O EDUCADOR E A SEXUALIDADE INFANTIL	36
3.1 – As brincadeiras.....	37
3.2 – A formação do educador.....	39
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

Este estudo é um resultado das reflexões que surgiram em torno da questão da sexualidade durante o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e de observações pessoais enquanto professora de Educação Infantil.

O interesse em pesquisar este tema surgiu a partir da minha vivência em sala de aula com crianças entre três a cinco anos de idade e seus professores; e como acadêmica do 2º período de graduação da Escola de Educação durante a disciplina Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem I, ministrada pela professora Rita Maria Manso de Barros. Foi durante estas aulas que retomei as lembranças e os questionamentos a respeito da dificuldade do professor em lidar com as situações que envolvem manifestações da sexualidade infantil.

A sexualidade infantil, apesar de já ter sido muito discutida e analisada, é uma questão muito em evidência na escola até os dias de hoje, não por falta de embasamento teórico, e sim pelo despreparo do professor diante de questões já diagnosticadas. Este, muitas vezes, não sabe lidar com o desenvolvimento da sexualidade na criança, seja pela questão de sua formação acadêmica ou seja por questão pessoal.

A área psicológica da criança é uma um terreno onde repousa grande interesse dos pais e educadores, pois é aí que se instala o programa de desenvolvimento mental e emocional de toda uma vida e se planta a semente da

independência adulta, justificando a importância do bom desenvolvimento libidinal na vida das crianças e do papel do professor neste processo.

Tomando como base minhas reflexões desta temática, além de minha vivência acadêmica e levando em consideração a importância do papel do professor, ou melhor, do educador (pais e professores), como formador de valores que as crianças levarão para toda a vida, colocam-se os seguintes questionamentos:

- Qual é o papel do educador diante do desenvolvimento da sexualidade infantil?
- Como ele deve agir?
- Qual a importância da educação no desenvolvimento da sexualidade infantil?
- Quais são as reações dos educadores diante de situações que explicitam a sexualidade das crianças?

A partir das questões apontadas surgia necessidade de estudar a importância do professor no desenvolvimento da sexualidade infantil, com o objetivo de analisar seu papel do educador ao lidar com situações cotidianas da criança.

Assim, este estudo de natureza descritiva tem como opção metodológica a análise bibliográfica com base nos textos de Freud, por este ser o criador do estudo psicanalítico e delimitador da seqüência das fases libidinais, mas utilizaremos também a contribuição de outros autores que trabalham o tema.

A relevância deste trabalho localiza-se na possibilidade de relacionar as atitudes do professor/educador na vida da criança, e logo, do futuro adulto. Além disso, contribui para diagnosticar a possível causa que leva alguns adultos a certas atitudes para com a criança. Atitudes estas que podem futuramente se transformar em traumas, vergonha, etc.

O primeiro capítulo desta pesquisa descreverá as idéias da psicanálise sobre a sexualidade infantil. Para isso, usaremos a teoria da sexualidade infantil, de Sigmund Freud.

No segundo capítulo, busca-se as influências oriundas do processo civilizatório e da educação no processo de "domesticação do corpo", e quais as possíveis conseqüências que este processo pode gerar na vida infantil e adulta.

Finalmente, apontamos as considerações finais que com certeza suscitarão o surgimento de pontos de reflexões futuras, através da apreciação crítica dos enfoques apresentados. Esperamos, assim, contribuir para a melhor compreensão do papel do educador diante das manifestações da sexualidade infantil, servindo como subsídio para àqueles que se dedicam à educação.

CAPÍTULO I

A SEXUALIDADE É SEMPRE INFANTIL

Ao iniciar esta pesquisa monográfica não podíamos deixar de ter como principal referencial teórico a obra do psicanalista Sigmund Freud. Sendo o pai da psicanálise e um inovador no que diz respeito ao conhecimento dos mecanismos de funcionamento da mente humana, Freud foi, também, um precursor de idéias e estudos a respeito da sexualidade humana numa época em que a sociedade renegava e condenava as idéias em torno da sexualidade.

Freud em sua obra *"Três ensaios sobre a teoria da sexualidade"*, de 1905, levantou o tema essencial para compreensão da sexualidade humana. A leitura desta obra tornou-se indispensável e obrigatória para quem quer discutir o tema, possibilitando novos estudos e avanços teóricos.

Nesta obra, Freud delimitou a seqüência das fases libidinais (oral, anal, fálica, período de latência, pré-adolescência, genitalidade adolescente). O desenvolvimento desta seqüência, apesar de consideráveis sobreposições, corresponde aproximadamente a idades específicas. Ou seja, desde a profunda dependência do recém-nascido aos cuidados maternos até a autoconfiança do jovem adulto.

A definição de *sexualidade infantil* é feita a partir do princípio que toda a sexualidade é infantil por ser *primitiva*. Isto é, a busca pela satisfação e o desejo sexual fazem parte do homem desde o seu nascimento, pois são *arcaicas*

Freud diagnosticou a origem da sexualidade ao observar primeiramente que a maioria dos psiconeuróticos somente adoece após a puberdade. Logo, a sua sexualidade permanece num estado infantil ou é trazida de volta a este período da vida humana.

Assim, podemos afirmar que a sexualidade de todos os homens é arcaica. Embora, em alguns possa vir a variar de intensidade e sofrer grandes influências da vida real. Com isso, alguns não conseguem sustentar as cobranças da vida sexual adulta normal.

A partir desta observação, Freud voltou-se para os estudos com as crianças, mesmo diagnosticando que as manifestações se apresentam em graus modestos de intensidade.

De acordo com a idéia popular, a pulsão sexual é ausente durante a infância, aparecendo somente durante a puberdade. Este erro proporcionou a ignorância das condições fundamentais da vida sexual humana.

A partir daí, as buscas em explicar as características e reações do adulto se limitavam às respostas obtidas na hereditariedade, ao invés da infância. Apesar da existência de relatos sobre atividade sexual em crianças pequenas, como ereções, masturbações e mesmo atividades que se assemelham a relação sexual propriamente dita, contudo, nenhum estudioso reconheceu a pulsão, e diagnosticavam estas manifestações como ocorrências excepcionais ou como casos de depravação precoce.

Algumas destas manifestações que ocorrem entre o período que compreende os anos iniciais ao sexto ou oitavo ano de vida, são ocultadas futuramente pela mente. Ou seja, somente algumas pessoas retêm determinadas lembranças ininteligíveis e fragmentárias. Porém, são capazes de reagir de maneira vívida a impressões, de experimentar sentimentos relacionados à época e de ressaltar fatos ou fazer observações. Freud denominou este processo como *amnésia infantil*.

Estas lembranças que “esquecemos” deixam profundas marcas em nossa mente, pois possuem um efeito determinante sobre a totalidade de nosso desenvolvimento.

Segundo Freud (1915):

“.. A amnésia histérica, que ocorre por solicitação da repressão, só é explicável pelo fato de que o paciente já possui uma reserva de traços de memória que foram retirados ao uso consciente e que estão agora, por um elo associativo, atraindo para si o material que as forças da repressão se ocupam em repelir da consciência...” (p. 180)

Pode-se afirmar que sem a amnésia infantil não existiria a amnésia histérica, uma vez que a primeira é condição para a formação das doenças neuróticas.

1.1 – O período de latência sexual na infância e suas interrupções

Há períodos durante o desenvolvimento da sexualidade infantil que são dominados por um progressivo processo de supressão (recalque). Este processo é descontínuo para que ocorram periódicos avanços no desenvolvimento sexual, lembrando que não há o desenvolvimento psíquico e o anatômico

simultaneamente, e que a vida sexual das crianças, freqüentemente, aparece de forma mais visível à observação por volta dos três ou quatro anos.

Durante o desenvolvimento sexual ocorre o período de latência, que tem como principal característica a não utilização dos impulsos sexuais no decorrer da infância, já que as funções reprodutoras não estão anatomicamente formadas, e o destaque ao interesse pelo mundo pela entrada na escola.

No decorrer do período de latência desenvolvem-se forças psíquicas que irão impedir, como barreiras, o curso da pulsão sexual. Estas forças dão origem à repugnância, os sentimentos de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais, impostos pela sociedade. Mas os impulsos sexuais infantis não cessam durante o período de latência. Essa energia é desviada do uso sexual para outras finalidades. Este processo chama-se **sublimação**.

Durante o processo de sublimação ocorre o desvio dos impulsos sexuais que não podem ser utilizados durante a infância, já que não há o desenvolvimento dos órgãos sexuais. Com isso, há o direcionamento destes impulsos das zonas erógenas para outro objeto da pulsão.

A partir deste momento, a criança inicia a busca pela sexualidade do outro, deixando a sua de ser o foco central. Assim, a criança, por volta dos três anos de idade, se torna um observador e pesquisador, ingressando na idade dos questionamentos sobre a sua existência, a sexualidade e até a morte.

1. 2 - As manifestações da sexualidade infantil

Freud destacou como amostra das manifestações da sexualidade na infância o ato de chupar o dedo (ou chupar sensual) e o auto-erotismo.

O ato de **chupar o dedo** aparece na primeira infância e pode chegar até a maturidade, ou continuar por toda a vida. Esta manifestação consiste na repetição rítmica do sugar através da boca, tendo como finalidade a nutrição.

Segundo Freud (1905), o ato de chupar o dedo consiste em:

“... Uma parte do próprio lábio, a língua ou qualquer parte da pele ao alcance – mesmo o grande arnelho – pode ser tomado como o objeto sobre que este sugar se realiza.... O chupar sensual envolve completa absorção, leva ou ao sono, ou mesmo a uma reação motora com o caráter de um orgasmo. Não raras vezes ele se combina com a fricção de alguma parte sensível do corpo tais como os seios ou os órgãos genitais externos. Muitas crianças passam, por este caminho, do ato de sugar para a masturbação.” (p.184)

O **auto-erotismo** consiste na atividade sexual em que a pulsão não é dirigida para outras pessoas, mas para a satisfação no próprio corpo do indivíduo. Um exemplo é quando uma criança ao se dedicar ao ato de chupar o dedo está relembrando algum prazer que já experimentou. Ela estaria lembrando o prazer de chupar o seio da mãe.

Os lábios da criança comportam-se como uma **zona erógena**. A satisfação da zona erógena, no caso da amamentação se refere à necessidade de nutrição. Com o aparecimento dos dentes e de outras formas de se alimentar, a necessidade de repetir a satisfação sexual desliga-se da necessidade de nutrir-se. Assim, a criança usa o seu próprio corpo para sucção. Surgindo uma segunda zona erógena, embora de espécie inferior.

De acordo com Freud, as crianças que persistirem na importância desta zona erógena ao crescerem tendem quando adultos para o beijo pervertido, ou se for do sexo masculino para fumar ou beber. Porém, se houver algum tipo de recalque, elas sentirão repugnância pelo alimento e desenvolverão o vômito histérico.

Freud ao estudar o ato de chupar o dedo ressaltou as três principais características de uma manifestação sexual infantil. Primeiramente ela é ligada a uma das funções somáticas vitais; ainda não tem objeto sexual; e o seu objetivo sexual é dominado por uma zona erógena, a boca.

1.3 - O objetivo sexual da sexualidade infantil

As zonas erógenas representam determinadas partes do corpo que evocam uma sensação de prazer com uma qualidade específica. Um exemplo é o ato de sugar o polegar.

Em nosso corpo há partes erógenas particularmente marcantes, e outras, predestinadas, como a boca "*conforme o exemplo do sugar*" (Freud, 1905:1888). A qualidade do estímulo tem mais ligação com a sensação de prazer do que a parte do corpo em questão.

O objetivo sexual infantil busca obter satisfação por meio de estímulo apropriado da zona erógena que foi escolhida. Esta satisfação precisa ter sido experimentada anteriormente para ter deixado a necessidade de repetição. O estado de necessitar a repetição da satisfação se traduz em duas formas: a

primeira é pela sensação de desprazer, e a outra é de excitação que é projetada sobre a zona erógena.

1.4 – As manifestações sexuais masturbatórias

As zonas erógenas são distintas ao satisfazer à necessidade da pulsão sexual. A **zona labial** consiste no sugar, e esta tem de ser substituída por outras ações musculares segundo a posição e à natureza das demais zonas.

A **zona anal**, assim como a labial, liga a sexualidade a outras funções somáticas. Os distúrbios intestinais, tão comuns na infância, proporcionam a esta zona erógena excitações intensas.

As crianças que utilizam à excitação erógena da zona anal procuram reter as fezes até que seu acúmulo provoque violentas contrações musculares e, ao passarem pelo ânus produzem grande excitação da membrana mucosa. Ou seja, dor e prazer. Entre as crianças maiores a excitação masturbatória efetiva da zona anal acontece por meio do dedo, provocando uma sensação de comichão.

As atividades das **zonas genitais**, que é formada pelos órgãos sexuais propriamente ditos são o início do que se transformará em vida sexual normal. Tendo como alicerce a masturbação, que é uma manifestação corriqueira durante a primeira infância. A masturbação consiste num movimento de *“fricção com a mão ou na aplicação de pressão seja da mão ou da junção das coxas”* (Freud, 1905:193). A última descrição é mais comum entre as meninas. Com isso, ela elimina o estímulo e obtém a satisfação.

A masturbação infantil se distingue em três fases. A primeira pertence à infância, a segunda à idade dos quatro anos e a terceira corresponde à masturbação puberal, que é normalmente a única considerada.

A masturbação durante a **primeira infância** parece desaparecer após curto tempo, mas pode ser contínua até a puberdade. Caracterizando o que Freud definiu como "*o primeiro grande desvio do curso do desenvolvimento aceito para os homens civilizados*" (1905:194).

A **segunda fase** da masturbação infantil ocorre antes dos quatro anos. A pulsão sexual pertence à zona genital, que revive e persiste por algum tempo até ser mais uma vez suprimida.

Esta fase assume diversas formas e só pode ser determinada através de análise individual. A ocorrência deixa as mais profundas impressões (inconsciente) na memória do paciente, determinando o desenvolvimento de seu caráter no caso de ele se manter sadio ou pode vir a adoecer após a puberdade. Pois, a masturbação possui uma conotação negativa e pode assumir o senso de culpa por representar o agente gerenciador de toda sexualidade infantil. No caso de doença diagnostica-se que o período relacionado à masturbação fora esquecido e que as lembranças foram deslocadas. Assim, como acontece quando ocorre a amnésia infantil. Freud relaciona a amnésia infantil normal com a masturbação infantil.

Salientando o parágrafo acima, a masturbação quando considerada normal nada mais é que a busca natural do prazer. Durante a infância, a criança necessita de toda satisfação que possa obter do seu corpo. A criança brinca com seus órgãos genitais, muitas vezes ou quase sempre se sentindo culpada, pois os adultos costumam repreenderem suas atitudes.

Durante o período puberal, entre oito e nove anos, há o retorno da excitação sexual, manifestando-se como um estímulo comichão que busca a satisfação na masturbação, ou como um processo de polução noturna como dos adultos; o indivíduo alcança a satisfação sem o auxílio de qualquer ação. O último caso é mais freqüente nas meninas e durante a segunda metade da infância, embora, normalmente não estejam condicionadas há um período de masturbação ativa anterior.

Os sintomas destas manifestações sexuais são escassos, sendo em sua maioria revelados pelo aparelho urinário, que desse modo substitui o aparelho sexual não desenvolvido completamente. Por isso, a maioria dos distúrbios relacionados à bexiga são chamados distúrbios sexuais.

O reaparecimento da atividade sexual é determinado por causas internas ou por contingências externas. Esta última está relacionada aos efeitos da sedução, ou seja, a criança ao ser tratada como um objeto sexual prematuramente lhe é ensinada a obter satisfação de suas próprias zonas genitais, satisfação esta que ela volta a repetir. Uma influência desta espécie pode originar-se de adultos ou de outras crianças. Porém, Freud ressalta, que a sedução não é necessária para o despertar da vida sexual de uma criança, que pode surgir espontaneamente por causas internas.

As influências da sedução sob as crianças podem torná-las **perversas polimorfas**, e com isso, elas podem ser levadas a todas as espécies possíveis de irregularidade sexuais. As crianças estão mais propensas a este tipo de sedução por demonstrarem poucas barreiras mentais (vergonha, moralidade e repugnância) contra os excessos sexuais. Isto acontece devido, as crianças, ainda

estarem em processo de construção ou ainda não foram construídos. Assim, nestas condições se forem seduzidas, podem sentir o gosto pela perversão e as conservará como parte de suas atividades sexuais.

As pulsões sexuais infantis envolvem pessoas como objetos sexuais, mesmo, não estando diretamente ligadas a vida genital. Assim, sendo denominadas como escopofilia, exibicionismo e crueldade, que aparecem até certo ponto, independentemente das zonas erógenas.

Normalmente as crianças não demonstram vergonha, e, em algumas épocas de seus primeiros anos, exibem seus corpos mostrando uma evidente satisfação, com ênfase nas partes sexuais. A curiosidade delas em ver os órgãos genitais de outras pessoas se manifestará um pouco mais tarde, quando desenvolverem o sentimento da vergonha.

A influência da perversão escopofílica pode ter grande importância na vida sexual da criança podendo se manifestar de forma espontânea. As crianças ao buscarem a satisfação através da masturbação desenvolvem um vivo interesse pelos órgãos genitais de seus colegas. Como as oportunidades de satisfazer uma curiosidade destas só ocorre durante a satisfação de duas espécies de necessidade de excreção, a criança deste tipo torna-se *voyeur*. Com isso, aumentando a curiosidade das crianças em relação aos colegas durante a hora de ir ao banheiro, e levando muitas vezes a criança repetir a ida ao banheiro, mesmo sem estar com vontade de urinar.

Quando o recalque se instala, o desejo de ver os órgãos genitais de outras pessoas, independente do sexo, persiste como uma compulsão atormentadora, e que futuramente pode contribuir na formação de sintomas.

Presume-se que o impulso da crueldade surge da pulsão de domínio e costuma aparecer num período da vida sexual em que os órgãos genitais ainda não assumiram outro papel subsequente. Logo, ele domina a fase chamada **pré-genital**. A ausência da barreira da piedade traz consigo o perigo de que a conexão entre as pulsões cruéis e as erógenas, estabelecidas na infância, se possa mostrar de forma indestrutível na vida seguinte. A excitação dolorosa das nádegas, como castigo proposto por educadores no passado, é uma das razões das raízes erógenas da pulsão passiva de crueldade (masoquismo).

1.5 - As pesquisas sexuais da infância

Quase na mesma época em que a vida sexual infantil alcança seu primeiro ápice, entre as idades de três e cinco anos, as crianças começam mostrar os sinais de atividade que pode ter ligação com a pulsão do saber ou da pesquisa. Esta pulsão não pode ser classificada como pulsões elementares nem como sexuais. Suas relações com a vida sexual são muito importantes, *“já que aprendemos através da psicanálise que a pulsão do saber nas crianças é atraída inesperadamente cedo e intensamente para os problemas sexuais e é, na realidade, possivelmente despertada ao início deles”* (Freud, 1905:200).

Segundo Freud, a origem da pulsão está ligada ao primeiro questionamento que a criança se defronta que é o enigma sobre a origem dos bebês. A questão da existência de dois sexos não desperta dificuldade ou dúvida nas crianças inicialmente.

A curiosidade sexual em relação ao nascimento dos bebês, pode ser despertada por um nascimento na família. Tal questão é habitualmente iludida pelos adultos, que falam da cegonha e inventam histórias irreais; e na realidade as crianças sempre sabem quando estão sendo enganadas, e isso pode inspirá-las um sentimento de desconfiança e desprezo.

Em relação à distinção ente os sexos, há uma idealização por parte dos meninos que acham que o seu órgão genital deve ser atribuído a todos que ele conhece, não podendo haver harmonia com a sua ausência, criando um mundo utópico. A partir desta visão, o menino retratará o mundo a sua volta de acordo com o seu ideal, ou seja, o mundo em que vive gira em torno do *falo*

Esta convicção mantida pelos meninos é defendida pelas contradições de suas observações e só é abandonada após graves lutas internas. O que chamamos de **Complexo de Castração**. O substituto deste pênis, que eles acham que falta às mulheres, desempenha um grande papel na determinação da forma assumida por muitas perversões; e, também, os leva a nutrir uma opinião depreciativa em relação ao sexo feminino. Esta teoria serve para explicar, também, o complexo de castração para as meninas. Pois sabe-se que as crianças, independente do sexo, formam a teoria que originalmente os homens e as mulheres possuem um pênis, sendo que elas o perderam pela castração.

As meninas não recorrem às negações quando vêem os órgãos sexuais dos meninos que são formados diferentemente dos seus. Elas se dispõem a reconhecê-los e são tomadas pela inveja do pênis, de não o possuir. Esta inveja culmina no desejo de serem meninos elas também, um exemplo deste desejo ocorre quando uma criança começa a urinar fora de casa, como na escola, e

notam que as meninas urinam sentadas e que os meninos urinam em pé, isso cria conflitos. A menina começa a invejar o menino por ele urinar em pé, e ela pode chegar a imaginar que seu clitóris ainda crescerá.

1.6 - As fases de desenvolvimento da organização sexual

A principal característica da vida sexual infantil refere-se ao fato dela ser essencialmente auto-erótica. Ou seja, a criança passa por um período narcisista, em que o prazer está dirigido ao próprio corpo. O desenvolvimento sexual infantil culmina no que se conhece como vida sexual normal adulta, em que a busca do prazer sofre influências da função reprodutora; e as pulsões parciais, agora dirigidas a uma única zona erógena, estão organizadas e voltadas para um objetivo sexual ligado a algum objeto estranho.

O estudo do desenvolvimento sexual nos possibilitou conhecer os estágios preliminares, ou seja, aqueles que constituem eles próprios um regime sexual peculiar. Estas fases da organização sexual são normalmente atravessadas suavemente, sem darem mais que uma insinuação de sua existência, e são denominadas **pré-genitais**.

As fases pré-genitais são conhecidas como às organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel predominante. Podemos identificar duas destas organizações.

A primeira é a **fase oral**, ou organização sexual pré-genital canibal, acredita-se que as primeiras buscas do prazer se dão desde o nascimento até o

diferença está no fato de que na infância a combinação das pulsões parciais e sua subordinação sob o primado dos genitais só foram efetuadas incompletamente ou não foram de forma alguma

Em 1924, Freud inseriu uma terceira fase no desenvolvimento da infância. Esta fase que já pode ser descrita como genital, apresenta um objeto sexual e certo grau de convergência das pulsões sexuais sobre esse objeto, mas se diferencia da organização final da maturidade sexual num sentido especial; pois conhece apenas uma espécie de genital: o masculino. Por esse motivo, Freud a chamou de **fase fálica**.

A escolha de um objeto ocorre por um **processo difásico**, isto é, ocorre em duas ondas. A escolha do objeto não passa do período de latência, e é importante na questão dos distúrbios e do resultado final.

A primeira começa entre as idades de dois a cinco anos, e se interrompe ou regride durante o período de latência e é caracterizada pela natureza infantil dos objetivos sexuais. A segunda onda se instala com a puberdade e determina o resultado final da vida sexual. A escolha de um objeto é transmitida para o período seguinte, que pode persistir ou o reviver durante a época real da puberdade, mas devido ao recalque que pode se desenvolver entre estas duas fases revela-se inutilizáveis. Seus objetivos sexuais se atenuam, e agora representam o que pode ser descrito como "*corrente afetiva*" da vida sexual.

Com a escolha do objeto sexual do período puberal, a criança é obrigada a abrir mão dos objetos da infância e começar de novo uma '*corrente sexual*'. Isto é, a criança começa a deixar de lado o pai e a mãe, que até então eram seus objetos de desejo para iniciar a busca por novos objetos. Se estas duas correntes

brincavam com seus colegas. O contato com a pele do outro, às lutas físicas e verbais, demonstram a escolha de um objeto.

As brincadeiras infantis normalmente possuem uma conotação sexual, mesmo não sendo tão evidente. Pois, as crianças ficam excitadas e buscam a sua satisfação com o ápice da brincadeira.

Outra fonte de excitação sexual nas crianças é estabelecida pelos elos dos processos afetivos. Nos educandos, a tensão em relação às obrigações escolares pode ser importante não só por afetar as relações da criança na escola, mas também por provocar a invasão de manifestações sexuais. Pois, estimulará a criança ou a tocar os órgãos genitais, ou culminará em alguma coisa semelhante a uma poluição noturna, com todas as suas conseqüências. O efeito sexualmente excitante de muitas emoções desagradáveis, tais como o medo e a apreensão, persiste em um grande número de pessoas por toda a vida adulta. Por isso, a escola se torna uma fonte de tensão que deve ser administrada por pais e professores.

A concentração da atenção numa tarefa intelectual como é produzida na escola, em geral produz uma excitação sexual concomitante em muito jovens, assim como em adultos. Para Freud, esta é a única base justificável para que em outros sentidos constitui o hábito questionável de atribuir os distúrbios nervosos ao 'excesso de trabalho' intelectual.

CAPÍTULO II

A INTERFERÊNCIA DO PROCESSO EDUCATIVO NA “DOMESTICAÇÃO” DO CORPO

Até os cinco anos de idade, as crianças manifestam os primeiros sinais de sexualidade. Este período é marcado pela importância destas manifestações que incidem sobre a vida sexual adulta.

No decorrer deste período a criança, também, está se situando como parte do processo cultural e social. Mas qual a influência do processo cultural e educacional no desenvolvimento da sexualidade infantil? Quais as conseqüências que podem surgir no decorrer do desenvolvimento sexual?

2.1. A interferência sócio-cultural no desenvolvimento sexual infantil

Durante o desenvolvimento sexual, a criança tem que administrar num curto espaço de tempo muitas “novidades”. Ela passa a ter que controlar as suas pulsões sexuais e ainda assimilar a evolução cultural a sua volta e a adaptação social. Com isso, a criança já se encontra num meio de cobranças em que deve cumprir todas as exigências da sociedade.

O não cumprimento das exigências sociais pode levar a criança a futuros traumas gerados por recalque. Ou estes podem aparecer até mesmo durante a infância.

Desde os primórdios a civilização é regida por normas e regras sócio-culturais. Estas normas são impostas para governar a sociedade, delimitando, também, quem fará parte da exclusão social.

Segundo Tiba (1997): *"A parte sociopsicoafetiva é formada com os elementos do meio familiar, escolar e religioso que a criança vai adquirindo desde que nasce, voluntária e involuntariamente, para formar a sua cultura sexual, pelas leis ontogenética"* (p.24)

As normas sociais são estabelecidas por uma elite, que visa somente o seu interesse. Esse interesse, entre outros, é o controle social dos indivíduos. Para isso, designa-se o que deve ser considerado certo e errado, bom ou mau para o alcance dos objetivos elitistas.

Os padrões sociais exigem de todos uma idêntica conduta sexual, o que se torna uma das maiores injustiças pregadas pela sociedade. Essa conduta não traz dificuldade para ser seguida por alguns indivíduos, devido às suas organizações, mas para outros significa os mais pesados sacrifícios psíquicos. Contudo, essas injustiças são saneadas pela desobediência às funções morais.

Entre a liberdade sexual e as restrições, há um certo grupo de indivíduos marginalizado como *perversos*. Existe, ainda, um outro grupo que se empenha para não ser designado perverso, embora o devesse ser, pois é impelido às

doenças nervosas. A consequência para esses indivíduos consiste na redenção da liberdade sexual.

O indivíduo pervertido é marginalizado e excluído socialmente. Isso porque em algum momento da sua vida não seguiu as normas estabelecidas pela civilização para a vida sexual normal. E, com isso, passa a ter dificuldades para se considerar e ser considerado um membro da sociedade.

A partir da pesquisa psicanalítica, sabemos que os impulsos pulsionais pertencem à natureza elementar humana, e estes não podem ser classificados como bons nem maus. Os impulsos que são denominados como maus são inatos, como os egoístas e cruéis.

No decorrer do processo do desenvolvimento sexual, as pulsões são inibidas, suprimidas e direcionadas a outras finalidades e objetos. A formação de reação contra determinadas pulsões assume uma forma enganadora. Ou seja, determinadas pulsões surgem em pares opostos, como o ódio e o amor; a crueldade e a piedade.

Como já foi mencionada, a criança é obrigada a lidar com o seu desenvolvimento sexual e sócio-cultural. Porém, nem todas as crianças concluem o processo com êxito. Isto acontece devido a causas internas ou por influências externas. Por isso, temos como causa interna a influência exercida sobre as pulsões egoístas (maus) pelo erotismo, que são transformadas em sociais.

A influência externa é exercida pela educação, representando as exigências culturais. Entre outras exigências, está a renúncia da satisfação pulsional, que já é imposta ao indivíduo desde recém-nascido.

Segundo Freud, a sociedade civilizada exige do indivíduo o adiamento e até mesmo, a negação das pulsões sexuais. Com isso, há o retardo do prazer, da realização, e logo, a não satisfação do desejo, da pulsão.

A partir deste adiamento, o indivíduo inicia um processo que envolve sentimentos como a insatisfação e a infelicidade. Logo, o indivíduo começará a desenvolver a neurose.

Este processo não somente acontece no campo da sexualidade, mas também no cotidiano da vida humana, em geral. Um exemplo pode ser o fato de negarmos comer certos alimentos devido ao seu valor calórico uma vez que este alimento poderá “desequilibrar” o cardápio alimentar quando se está fazendo uma dieta para perda de peso. Muitas vezes, a dieta é só por uma questão estética para chegar a um corpo “padrão” para a sociedade.

A sociedade usa, inicialmente, para divulgar suas normas os adultos mais próximos da criança, o exemplo mais freqüente é o do pai e da mãe. Por eles, a criança saberá o que deve fazer ou não para ser “bem educada” perante a sociedade.

Em “A mulher escondida na professora”, Alicia Fernández (1994) faz o seguinte relato sobre uma paciente bulímica chamada Virgínia, que é professora, e sua mãe:

“Através da forma de valorizar a corporeidade de Virgínia, sua mãe lhe transmitiu além daqueles mandatos comuns a toda cultura sexista, outros mandatos, talvez mais fortes por não serem explícitos, por originais de sua história e por entrarem pela boca, pela pele, pelas mãos. O corpo de Virgínia incorporou, através das palavras não pronunciadas por sua mãe, a seguinte mensagem: - Nunca usarás os dentes para apropriar-te dos alimentos e menos ainda para expressar raiva. Os dentes são apenas para produzir sorrisos complacentes.”
(p.84)

“... - Se incorporares comida, deverás ficar feia e gorda..” as palavras anteriores não- pronunciadas atravessam o corpo de Virgínia, fazendo-a sofrer, quando ia nadar, impedindo-a de tomar sol em público e posteriormente, obrigando-a a estar na penumbra quando fazia amor.” (p.85)

Ao analisarmos previamente o caso da professora Virgínia, pode-se perceber a relação da paciente com o seu corpo e o alimento. Esta relação que se encontra desequilibrada gera a insatisfação da professora consigo, que logo refletirá em todas as áreas de sua vida.

A desestruturação do conceito de corpo de Virgínia foi inicialmente feita através de sua mãe. Esta lhe *“ensinou”* o que é bom e ruim as normas sócio-culturais. Porém ela não percebeu o mal que causara na filha, pois todos esses conceitos serem culturais e são passados de geração a geração, através da linguagem, de forma inconsciente.

Através do exemplo do caso da professora Virgínia, percebemos como o corpo está relacionado ao social. A sociedade utiliza a mídia para obter o controle social por meio da ditadura da moda e do corpo. Ou seja, ela dita a moda, a linguagem, os hábitos, as vestimentas, entre outros. E *“...é ainda a sociedade que dita muito da prática e representação mental que se tem do corpo...”* (Lehmann,1998:188)

Com isso, percebemos que as influências oriundas da civilização que podem, são em sua maioria impostas pela educação. Esta é difundida não somente na escola, mas também no ambiente familiar e social nos quais a criança está inserida.

2.2. A educação como fonte de controle da pulsão sexual

Salientando a importância da educação como fator influente no processo do desenvolvimento sexual, devemos nos questionar até que ponto existe esta influência e como ela acontece.

A educação tornou-se uma ferramenta no processo de “domesticação” do corpo, função esta que tem exercido em todas as épocas da história da civilização. Devemos lembrar que a educação entra na vida da criança não somente através da escola, mas também, por intermédio do convívio com os adultos. Ao usarmos a palavra “adulto” ou “educador”, estamos nos referindo a pais, professores e outros adultos que convivam diretamente com a criança.

Primeiramente, a educação vem para ensinar a criança a controlar as suas pulsões. Esta aprendizagem do controle das pulsões ocorre num período em que a criança atravessa uma fase intensa de excitação sexual, experimentando tensões sexuais, que as levam a tocar-se friccionando e apertando seus órgãos genitais.

A masturbação é considerada uma das grandes questões em torno da sexualidade infantil, principalmente na fase edípica, dos dois aos seis anos de idade, onde há maior ocorrência. Essa conotação negativa já é tida até pela origem da palavra que vem do latim “*manu + strupare, que significa sujar com as mãos*” (Tiba, 1997:34).

Ao chupar o dedo, a criança inicia a busca solitária do prazer sexual. Este momento de satisfação, conforme o avanço da idade, será substituído pela

descoberta de outras partes de seu corpo, como os órgãos genitais. Mas por que há alarde quando a criança está tocando os órgãos genitais e não há ao chupar o dedo?

A questão, na verdade, fica restrita aos adultos e suas atitudes. Os adultos ao perceberem as primeiras manifestações da sexualidade infantil, começam a "policar" as atitudes infantis, principalmente em relação à masturbação, por estar relacionada aos órgãos genitais. Ao presenciar o primeiro sinal de manifestação sexual, alguns adultos alertarão a criança para não repeti-lo e deixarão claro que aquilo é "feio" e "errado". A criança, ao perceber que o seu gesto foi repreendido, começará a ficar "alerta" para que outros adultos não a vejam.

Por isso, a criança nesta etapa sofre grandes influências educacionais com o objetivo de inibir, suprimir e direcionar as pulsões sexuais infantis para outras finalidades.

Este período também é marcado pelos questionamentos em relação à compreensão do mundo a sua volta. Por isso, que no decorrer deste processo de descobertas a criança deve ter perto de si adultos em que possa confiar.

Ao lidar com adultos despreparados a criança não conseguirá resolver suas questões e perceberá que os assuntos relacionados ao sexo não são bem-vindos e até mesmo, proibidos. Com isso, ela começará a construir sua vida sexual com base em incertezas e dúvidas que aumentaram conforme o passar da idade.

A sexualidade deve ser tratada e vista de forma positiva. Para isso pais e professores devem compreender e transmitir a sexualidade como algo normal, prazeroso e inato em todos os seres humanos.

A transmissão destes conhecimentos, atualmente pode acontecer através de inúmeras formas devido às influências exercidas pela mídia, junto à família, a escola e a sociedade. A maioria das crianças desde muito cedo já tem acesso ao tema sexualidade por meio da televisão, dos livros, da Internet, dos jogos, entre outros.

Hoje em dia, cada vez mais os veículos de informação vem abordando a sexualidade com uma linguagem bem simples. As publicações literárias (livros, revistas, websites.) abordam este tema desde a fecundação, a questão do corpo, do casamento homossexual, até o uso de métodos contraceptivos. Estes são discutidos de forma real e clara, embora simples para as crianças. Assim, não há histórias fantasiosas e irreais que a criança desvendará conforme o seu crescimento. A partir, da descoberta da mentira a criança começará a duvidar de todas as respostas que forem formuladas para os seus questionamentos.

Como alguns pais, a escola muitas vezes se fecha ao tratar questões em torno da sexualidade. Pois ela não se considera como fator importante e decisivo no meio da curiosidade, da sensualidade, das pulsões, do corpo erotizado, das dúvidas que a criança está vivendo. Assim, a escola prefere se anular mesmo sabendo da existência de inúmeros questionamentos e de temas que deveriam ser trabalhados por ela junto aos alunos, como o homossexualismo, a masturbação, o aborto, etc.

Segundo Lehmann (1998):

“A escola parece não está preparada para ‘deixar falar o corpo’, para inventar um saber acerca do corpo, ficamos frente ao sintoma ao invés de deixar falar o corpo, queremos falar sobre ele, talvez como forma de mascarar a nossa angústia. (Stevenin)” (p.195)

Percebemos que a escola, pais, educadores e a sociedade exercem grandes influências à vida sexual infantil. Seja gerando mais dúvidas e traumas futuros ou esclarecendo questionamentos que forem surgindo conforme o passar da idade.

CAPÍTULO III

O EDUCADOR E A SEXUALIDADE INFANTIL

Durante toda a sua existência o ser humano vive na busca pelo prazer. Para obter o êxito nesta jornada, o indivíduo procura direcionar suas ações, seus sentimentos e seus desejos para a satisfação.

A vida sexual se constitui como fator vital no desenvolvimento do ser humano. Sendo estabelecida durante o período da infância, que é o período em que há uma fase de intensa excitação sexual, é no decorrer desta época que a criança irá determinar como será a sua vida adulta, inclusive as aberrações e as anormalidades da mesma.

De acordo com a teoria da sexualidade infantil, o comportamento sexual adulto está relacionado diretamente à vida sexual infantil. Logo, percebemos a importância da infância e do valor dos adultos que a acompanham nesta etapa da vida. Assim, cabe a nós, educadores, analisar e refletir sobre nossas ações pedagógicas em relação ao aspecto da sexualidade infantil. Para isso, devemos nos questionar como devem ser as atitudes do professor perante as ocorrências das manifestações da sexualidade infantil, e nas conseqüências que estas podem ter na vida das crianças.

3.1 - As brincadeiras

Se pararmos para observar, a maior parte das brincadeiras infantis é carregada por idéias e pelo simbolismo sexual, isto não significa que as crianças quando brincam estejam pensando em sexo ou estejam sexualmente excitadas. Contudo, alguns adultos vêem estas brincadeiras com cunho sexual que não pertence a esta fase da vida.

Segundo Winnicott (1975):

“Tanto o prazer mental como a gratificação e alívio de tensão promanam das brincadeiras comuns da infância, que são uma representação inspirada pela fantasia e independente da excitação física.” (p. 172)

Existem brincadeiras infantis que são inspiradas por idéias sexuais, porém não são acompanhadas de excitação sexual. A criança ao brincar pode ficar excitada de modo geral, ou a excitação pode estar localizada em uma parte específica do corpo. Essas brincadeiras, na maioria das vezes, são as que meninos e meninas brincam juntos, como: casinha, casamento, médico e etc.

Ao analisar o exemplo da brincadeira da “casinha”, sabemos que meninos e meninas atuam nos papéis de pais e mães, e as bonecas como bebês. As crianças normalmente imitam seus próprios pais, pois estão vivenciando sua própria realidade. Porém, às vezes, elas representam de maneira diferente da sua vida, quando isso acontece podem estar demonstrando na verdade a forma como gostariam de serem tratadas.

Normalmente estas brincadeiras preocupam muitos pais e professores. Pois, ao observarem as crianças juntas, de mãos dadas ou trocando carinho, esquecem que entre elas não há a mesma conotação sexual existente entre adultos. Estas situações são bastante comuns devido aos adultos acharem que sempre sabem o que as crianças estão pensando ou sentindo. *“Trata-se de uma projeção do pensamento destes sobre o das crianças.”* (Tiba, 1997:9)

A partir, da formulação de suas *“conclusões”* e *“desconfianças”*, o educador (pais e professores) passam a *“vigiar”* as brincadeiras para que nada de *“anormal”* aconteça.

Ao perceberem que estão sendo vigiadas, as crianças, geralmente, começam a realizar suas brincadeiras de forma secreta, longe dos olhos dos adultos. Outras vezes, elas interrompem as brincadeiras ao constatarem a aproximação dos mesmos. Com isso, algumas crianças não conseguem vivenciar esta fase de descobertas de forma livre. Estas situações podem gerar a supressão das pulsões sexuais e a vergonha.

A vergonha, produzida em alguns momentos pelos adultos inibe a curiosidade sexual infantil. Que acarretará possivelmente no acúmulo dos questionamentos infantis que refletirão em dúvidas na adolescência e em um aglomerado de questões mal resolvidas.

É normal que a criança busque e sinta a necessidade de satisfazer a curiosidade de modo concreto. Por isso, a criança busca a verdade, de maneira simples, nas respostas obtidas. Mas ao se deparar com determinados adultos, a criança receberá respostas evasivas que não preencherão os seus questionamentos.

Segundo Tiba (1997):

“Um adulto despreparado fica provavelmente mais embaraçado face às perguntas de conteúdo sexual de crianças do que estas ao fazê-las... justamente por não estar preparado, pode responder ou reagir inadequadamente. As crianças gravam sua resposta ou reação sem terem suas questões resolvidas.” (p.9)

Ao invés, de responder as perguntas infantis de maneira simples e informativa, a maioria dos adultos tende a confeccionar respostas que não saciam a curiosidade infantil, e com o passar da idade, ou por intermédio da mídia ou de outra criança, surgirá a verdade. Estes adultos elaboram os seus argumentos para as perguntas infantis baseados em sua própria história de vida.

A maioria dos adultos tem dificuldades em abordar as questões sexuais, pois também sofreram de vergonha e medo, nesta fase de sua vida, e o simples reviver traz uma sensação de desconforto e insegurança. Com isso as crianças ficam desamparadas, não encontrando espaço para suas descobertas e curiosidades. O educador precisa estar atento para não contribuir para a desinformação das crianças em relação às questões sexuais.

3.2. A formação do educador

As atitudes de certos educadores (pais e professores) estão relacionadas a determinadas situações que ocorreram em sua infância. Pois, tendemos a repetir o que aprendemos ser certo e errado.

Contudo, o educador não percebe a importância de suas palavras e atitudes têm para com os educandos. Nesta fase a educação tem um sentido vertical, com os educadores em um pólo superior; portanto, em linhas gerais,

quem determina os critérios de valores são os educadores. Ou seja, é ele que detém as verdades absolutas. Por isso, a criança não tem poder de argumento e normalmente acata as decisões adultas. Afinal, *“os pais são as primeiras figuras ensinantes. Com eles, constrói-se a matriz organizadora de posteriores aprendizagens.”* (Férmendez, 1994: 147)

Os ensinamentos transmitidos na infância servirão para construção do futuro educador. Este é o educador que trabalhará e formará o alicerce para uma vida sexual sã dos educandos.

Muitos educadores acabam por fazer da sexualidade um terreno à parte, isolado. Muitas vezes, a criança ao interrogar o adulto, esta faz que ele reviva o constrangimento que sentia diante de seus próprios pais e professores, e é esse constrangimento que deturpa a atitude dos educadores e os impedem de encontrar naturalmente as fórmulas mais simples de tratarem a sexualidade infantil. Os adultos não sabem lidar com sua própria sexualidade e, com isso, não conseguem orientar bem as crianças. Principalmente porque não somos educados para viver a sexualidade, o prazer.

Logo, que para analisarmos o educador precisarmos conhece-lo como educando em sua infância. Para isso nos remeteremos a formação de valores da criança, tanto por seus pais e professores, quanto pela escola.

O comportamento sexual na primeira infância está intimamente relacionado com a postura e exemplos das pessoas que vivem com as crianças. A forma de agir, sentir e pensar dessas pessoas irão determinar em grande parte o comportamento infantil. Quando estas encontram espaço para se expressarem e

conseguem cumprir todas as etapas da sexualidade, sem pular fases, sem se fixar em nenhuma delas, a criança segue seu processo de desenvolvimento natural.

A criança inicialmente recebe os primeiros conceitos educacionais por intermédio de seus pais. Eles são considerados pontos de referência na vida da criança. A partir deles se iniciará a construção de conceitos em relação ao corpo e em torno das questões sexuais.

Ao ingressar na vida escolar, o pequeno educando se depara com novas normas e conceitos que deverá processar para adequar-se à rotina escolar. A escola, muitas vezes, ignora o desejo, as pulsões existentes nas crianças. Assim, normalmente, a escola ignora o corpo e suas necessidades, valorizando somente o intelectual.

Segundo Lehmann (1998):

“O corpo também é importante na aprendizagem e transmissão dos ensinamentos e o proposto nas escolas muitas vezes é amarrar-se o corpo para deixar apenas o cérebro em funcionamento, desconhecendo e expulsando o corpo e a ação da pedagogia.” (p.193)

A escola se baseia em suas ações regras, e acaba por valorizar e ter somente corpos mecânicos. Estes são aqueles que ignoram o prazer e desvalorizam os questionamentos em torno da sexualidade. Podemos considerar que não estamos nos referindo somente aos alunos, mas também aos professores. Pois, eles sofreram, também, a mesma repressão que ocorre com, seus alunos. Por isso, os professores ao se deparar com situações que envolvam a descoberta do prazer, tendem, muitas vezes, a agir repetindo os mesmo atos dos adultos em sua infância.

Os professores procuram agir diante das manifestações da sexualidade infantil de modo a ignorá-la ou liberá-la. São estes os extremos que geram preocupações, pois a educação não deveria ser nem repressora e nem muito liberal.

Há, ainda, aqueles professores que possuem a consciência de que nem a repressão ou a liberação irá resolver as situações que envolvam a sexualidade infantil. Porém, na maioria das vezes, eles não sabem como agir e acabam por resolver da mesma forma que os demais ou ignora-las.

Os adultos, na maioria das vezes, reconhecem a importância da educação sexual na formação e desenvolvimento da criança, mas reforçam essa educação como uma forma de repressão à sexualidade do indivíduo e não para o exercício desta. De modo que o principal desafio é integrar a educação sexual no conjunto da educação, tanto na família como na escola.

CONCLUSÃO

Os questionamentos referentes à forma como os educadores (pais e professores) abordam a questão da sexualidade infantil, consiste no desafio que nós, professores, temos que lidar diariamente.

Sabemos da importância da sexualidade na vida do ser humano. Percebemos que a pessoa que tem a possibilidade de desenvolver uma boa relação com a sexualidade se sentirá mais feliz em seus relacionamentos e consigo mesma.

Porém, ainda estamos na busca de uma prática que permita às crianças vivenciarem essa etapa de suas vidas como apenas uma de tantas outras, e não como um momento de tensão. Assim, devemos colocar em prática o que sabemos ser o melhor para a criança, com relação à sexualidade. Contudo, esbarramos em nossas próprias dificuldades enquanto adultos.

Primeiramente, para nós, adultos, é difícil desconstruir o que vivemos. Afinal, as palavras e as atitudes dos nossos pais e professores foram decisivas para a nossa formação. Pois, para as crianças tudo o que lhes é transmitido é considerado "*verdade absoluta*". Assim, muitas vezes, esta influência conduz à repressão e à negação das etapas que constituí o desenvolvimento da sexualidade infantil. Com isso, alguns adultos não conseguem lidar com a sexualidade da criança devido à dificuldade ao tratar a sua própria sexualidade.

Então, o adulto quando se vê diante das manifestações da sexualidade no período da infância, na maioria das vezes se encontra perdido. Mesmo sabendo

da importância destas ocorrências na vida infantil, o educador não sabe se as reprimir, ignora ou as deixa acontecerem de forma livre. Por isso, segundo Freud, “...a educação tem de escolher entre o Sila da não-interferência e o Caribdis da frustração.” (Barros, 2003:2)

A educação, representada pelos educadores (pais e professores), deve optar pela melhor maneira de agir para proporcionar o educar sem traumas, repressão e nem deixando que o processo se torne totalmente livre. Ou seja, o educador deve encontrar subsídios para que a criança compreenda que a fase que está passando é normal, mas não deve deixá-la ir contra as normas sociais e nem incentivá-la valorizando de maneira exacerbada esta etapa.

Por isso, o educador deve ponderar e decidir quando proibir, qual a melhor hora e meios para não provocar na criança o sentimento de que as suas atitudes são “feias” e “erradas”. Esta reflexão também é válida para as curiosidades infantis. O educador deve tratar estas perguntas com naturalidade e com explicações verdadeiras e simples que possam saciar as dúvidas infantis.

É muito importante que pais e professores trabalhem unidos, pois a criança pode vir a “testar” se as respostas que recebe por parte de um tem a mesma explicação da que recebe do outro. O professor desempenha um papel de extrema importância nesta etapa para pais e alunos, ao exercer a função de *orientador* dos mesmos. Afinal, muitos pais não sabem como lidar com as manifestações sexuais e cabe ao professor atuar quando solicitado ou mesmo ao perceber que a criança se reprime muito ou demonstra as atitudes que aprende em casa como a vergonha excessiva ou o uso de “*palavras adultas*” recriminando estas atitudes nas demais crianças.

Mas para o professor adotar a postura de orientador, ele deve investigar quais seriam os melhores métodos para lidar com as situações que podem ocorrer. Para isso, ele deve observar e conhecer os seus alunos para ter como desvendar seus anseios e questionamentos, mas não para respondê-lo antecipadamente sem que haja uma pergunta ou situação. Contudo, o professor deve respeitar a individualidade do aluno para que ele não se sinta reprimido.

Para obter as respostas que procura, o professor deve sempre manter com seus alunos uma relação de amor e autoridade, em doses equilibradas. Assim, o professor poderá agir de maneira a não prejudicar a criança.

Porém, há professores que muitas vezes em sala de aula ignoram os sentimentos de seus alunos, tratando-os com uma certa indiferença. Proporcionando o afastamento e a desconfiança na relação professor e aluno. Muitas vezes, o professor ignora, também, o conhecimento da criança ao julgar que elas não percebem ou não são capazes de compreender certos assuntos por causa da idade. Porém, as crianças podem e devem estar envolvidas com diversas discussões, até na questão sexual.

A confiança é um dos principais componentes para que na relação aluno-professor haja espaço para conversas sinceras de ordem sexual. A criança ao questionar o professor quer ter respostas com explicações em linguagem simples e familiar.

A postura do professor também é muito importante na hora dos questionamentos. Afinal, o olhar e o tom de voz do professor não podem parecer falsos, pois senão a criança não acreditará no que está sendo passado. Outros procedimentos bem simples podem contribuir para o auxílio dos professores

diante dos questionamentos infantis, por exemplo, a honestidade na hora da resposta; restringir-se à pergunta feita, sem se estender; saber porque e de onde vem a pergunta; prosseguir com base no que a criança já conhece; sempre que possível corresponder ao momento em que a criança solicita; ter cuidado para não demonstrar qualquer tipo de reação adversa à pergunta; e repetir, se necessário.

Através, de situações corriqueiras e simples (aparentemente), estaremos modificando a postura que a sexualidade assume na escola. Pois, a escola, muitas vezes, ignora o fato de que a sexualidade está inserida na vida de seus alunos.

Para isso, o professor deve sempre proporcionar espaço para que os questionamentos sejam feitos de maneira livre e sem preconceitos. O professor, nesta idade, assume o papel de formador de valores, e se este tratar a sexualidade de forma negativa estará formando um indivíduo reprimido, medroso, e até preconceituoso.

Por isso é preciso encaminhar melhor a questão da sexualidade, com nossas crianças, para que futuramente possamos formar pessoas com uma melhor possibilidade de viverem suas relações afetivas e sociais. Pessoas com uma maior probabilidade de entrega ao trabalho, ao amor, às questões sociais; que se envolvem inteiramente com o que fazem, seja qual for a sua atividade.

Acredito que possamos, como professores e pais, compreender, respeitar e melhor *"orientar"* nossas crianças durante os anos que iniciam o desenvolvimento da sexualidade. Evitando a transferência de experiências e atitudes passadas, e sim, buscando a valorização dos questionamentos e

curiosidades a respeito da sexualidade infantil. Pois, as atitudes do presente contribuirão para as atitudes do adulto futuro.

Esse é um grande desafio que precisamos enfrentar, pois representa um importante passo para avançarmos na formação de seres humanos que tenham menos medo de viver, de buscar, de questionar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA Marina S. R. **Sexualidade na sala de aula** [online]. Disponível em : <http://www.educacaoonline.pro.br/art_sexualidade_na_sala.asp>
- BARROS, Rita M. M. *A adolescência e o tornar-se mulher*. In: Farias, F. & Dupret, L. (orgs.) – **A pesquisa nas ciências do sujeito**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998, p. 157-182.
- CARVALHO, Diana C. **O conhecimento psicológico do professor alfabetizador ou como as teorias sobre o desenvolvimento infantil pouco auxiliam o professor no trabalho da sala de aula**. Santa Catarina: UFSC, 1999. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/24/T2019910577023.DOC>>
- CARVALHO, Sumaya P. **Sexualidade, educação e cultura instantâneos de escolas de Cuiabá e Várzea Grande** Disponível em: http://www.sexualidade_educacao_e_cultura_instantaneos_de_escolas_de_cuiaba_e_varzea_grande.htm. Acesso em: 10 de dezembro de 2003.
- DUMONT, Virginie. **Questões de amor: 5-8 anos**. São Paulo: Callis, 1998. 31p.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREINET, C. **Pedagogia do Bom-Senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, Sigmund. **Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar** (1914), apud BARROS, R.M.M. *Seleção de textos de Freud sobre psicanálise e educação*. Disciplina: Tópicos Especiais em subjetividade Contemporânea: Psicanálise e Educação. Rio de Janeiro, 2003. 12f. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- HARRIS, Robie. **Vamos falar sobre sexo: amadurecimento, mudanças no corpo, sexo e saúde sexual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LEHMANN, Lucia M. S. *Corpo e escola*. In: Farias, F. & Dupret, L. (orgs.) – **A pesquisa nas ciências do sujeito**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998, p. 183-193.

LIMA, Fernando F. T.. **Sexualidade Infantil**: um retorno ao velho tema. Disponível em: http://www.espacorealmedico.com.br/informacoes/artigos/pediatria/artigos/tpl_Artigo_log2146.shtm - 28k.

OLIVEIRA, Nina E. D.. **Sexualidade infantil**. Jornal Existencial. Disponível em: <<http://www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/sexualidade.htm>>

OSBORNE, Elsie L. **Seu filho de cinco anos**: orientação psicológica para os pais. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. São Paulo: Edição da Autora, 1983.

TIBA, Içami. **Sexo e adolescência**. 10.ed. São Paulo: Ática, 1997.

WINNICOTT, O . W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II**

ALUNO(A) : Ana Lúcia da Silva Souza

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : As manifestações da sexualidade infantil e o papel do educador

ORIENTADOR : Rita Maria Manso de Barros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

* Primeiro avaliador : Professor convidado

Professor: Lúcia de Helo e Souza Lehmann

Nota : 9,0 (nove)

Considerações Finais:

Tema condizente com o desenvolvimento do trabalho bem como o conteúdo. Bibliografia pertinente ao tema e atualizada.

Bom apresentação e desenvolvimento. Linguagem adequada

* Segundo avaliador :

Professor orientador

Professor : RITA MARIA MANSO DE BARROS

Nota: 9,0 (nove)

Considerações Finais:

Tendo iniciado sua pesquisa de maneira singular, a aluna foi conseguindo alcançar maiores níveis intelectuais quando relacionou a teoria à prática de sala de aula.

O amadurecimento dos conhecimentos adquiridos no curso de Pedagogia foi enriquecido pela experiência da observação de seus alunos, sobretudo ao se basear nas teorias sexuais infantis.

Bom monografia.

* Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Ligia Klautha Coelho

Nota : 9,5 (nove e meio)

Considerações Finais:

O trabalho contém os elementos básicos a uma
investigação científica. É importante formatar as citações de acordo
das normas da ABNT

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	9,0	9,5	18,5	9,1

Rio de Janeiro, 30 de março de 2004

LM

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês Outubro

Dia	16	30		
Atividade	Discussão de textos, leituras, dúvidas	Discussão de textos, leituras, dúvidas		
Professor	Rauso	Rauso		
Aluno				

Mês Novembro

Dia	12	27		
Atividade	Discussão de textos, leituras, dúvidas	Discussão de textos, leituras, dúvidas		
Professor	Rauso	Rauso		
Aluno				

Mês Dezembro

Dia	4	11		
Atividade	Aplicação, correção do texto	Discussão de textos, leituras, dúvidas		
Professor	Rauso	Rauso		
Aluno				

Mês Janeiro

Dia	8	22	29	
Atividade	Discussão de textos, leituras, dúvidas	Discussão de textos, leituras, dúvidas	Discussão de textos, leituras, dúvidas	
Professor	Rauso	Rauso	Rauso	
Aluno				

Mês Fevereiro

Dia	5	12	17	
Atividade	Leitura e aplicação final	Conclusão da monografia	Término da monografia	
Professor	Rauso	Rauso	Rauso	
Aluno				